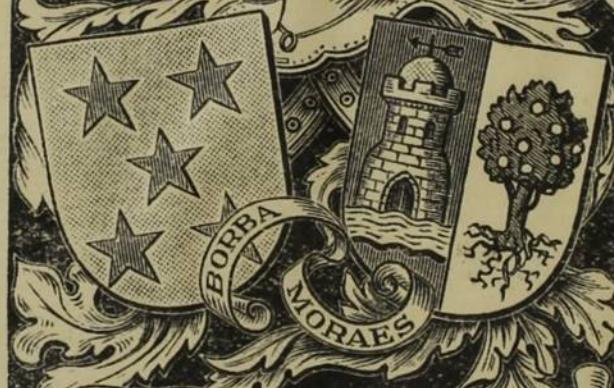


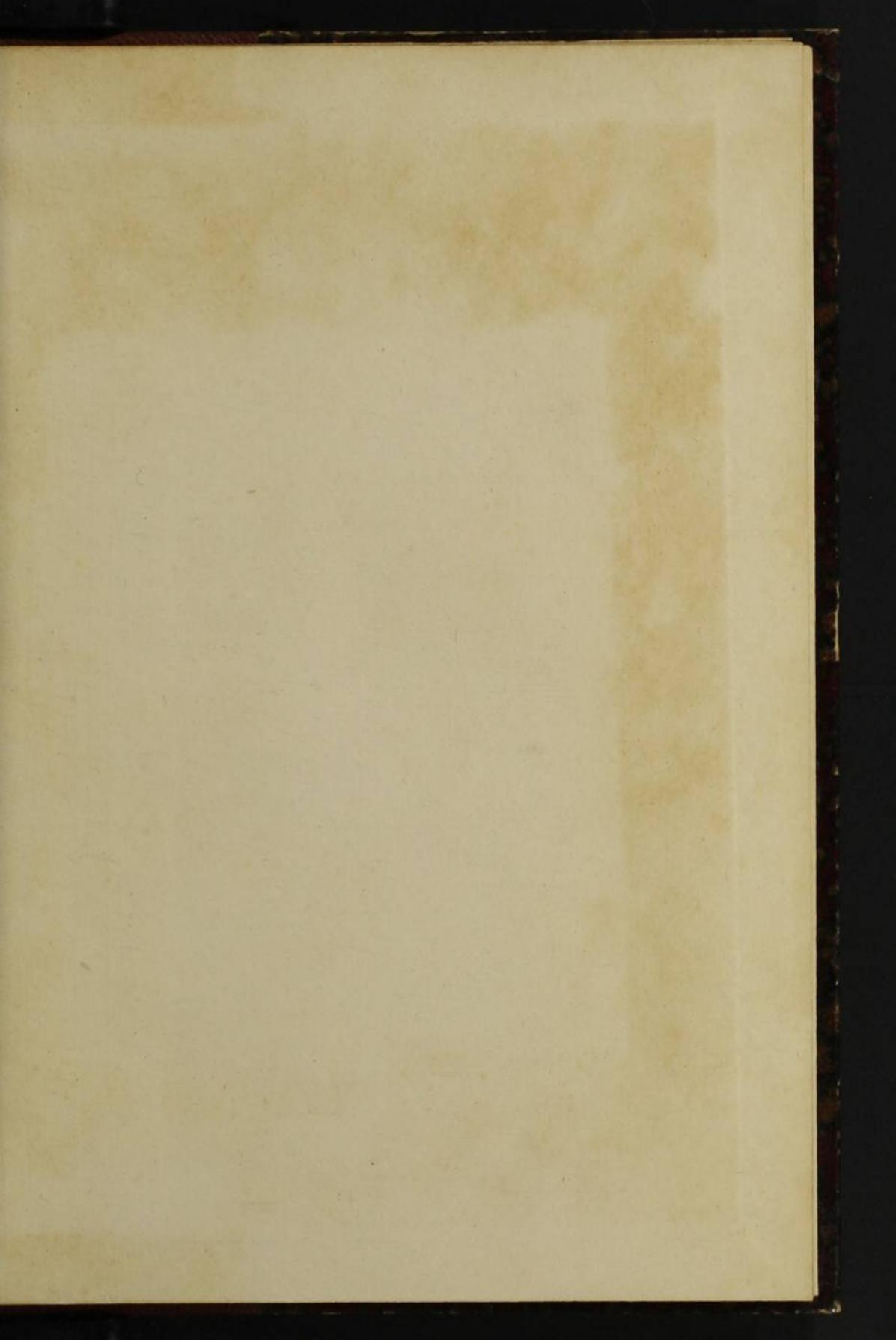
EX-LIBRIS

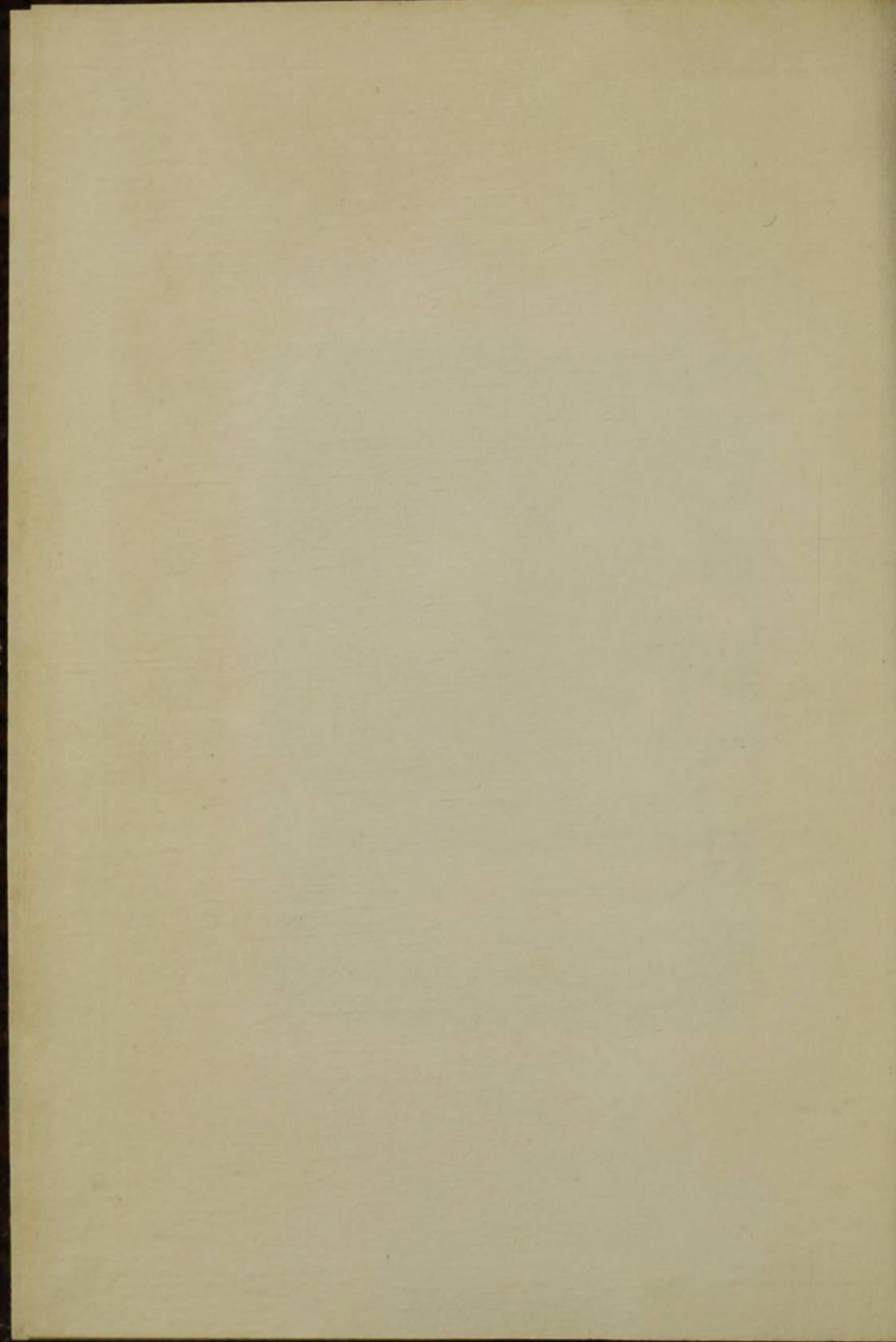


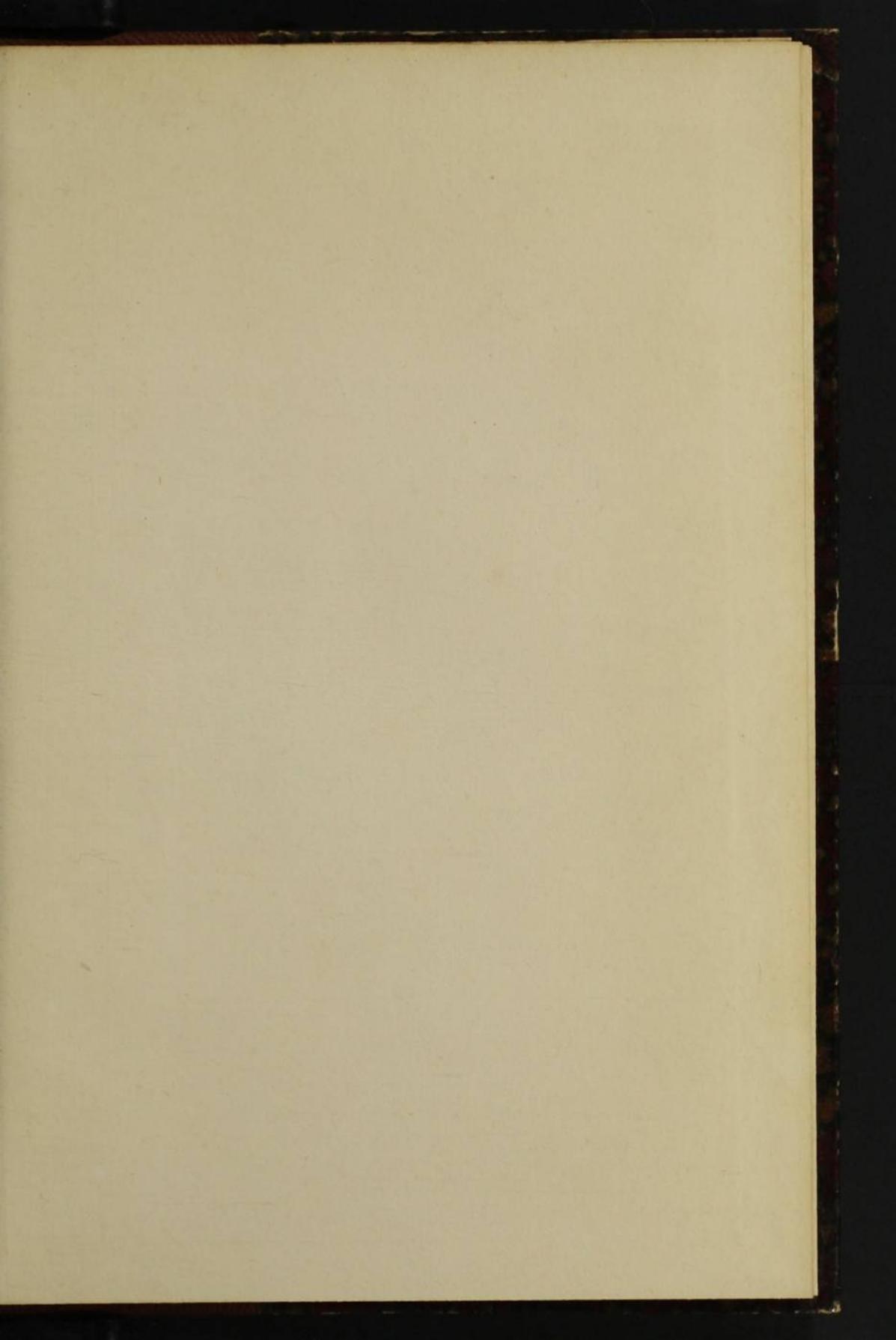
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

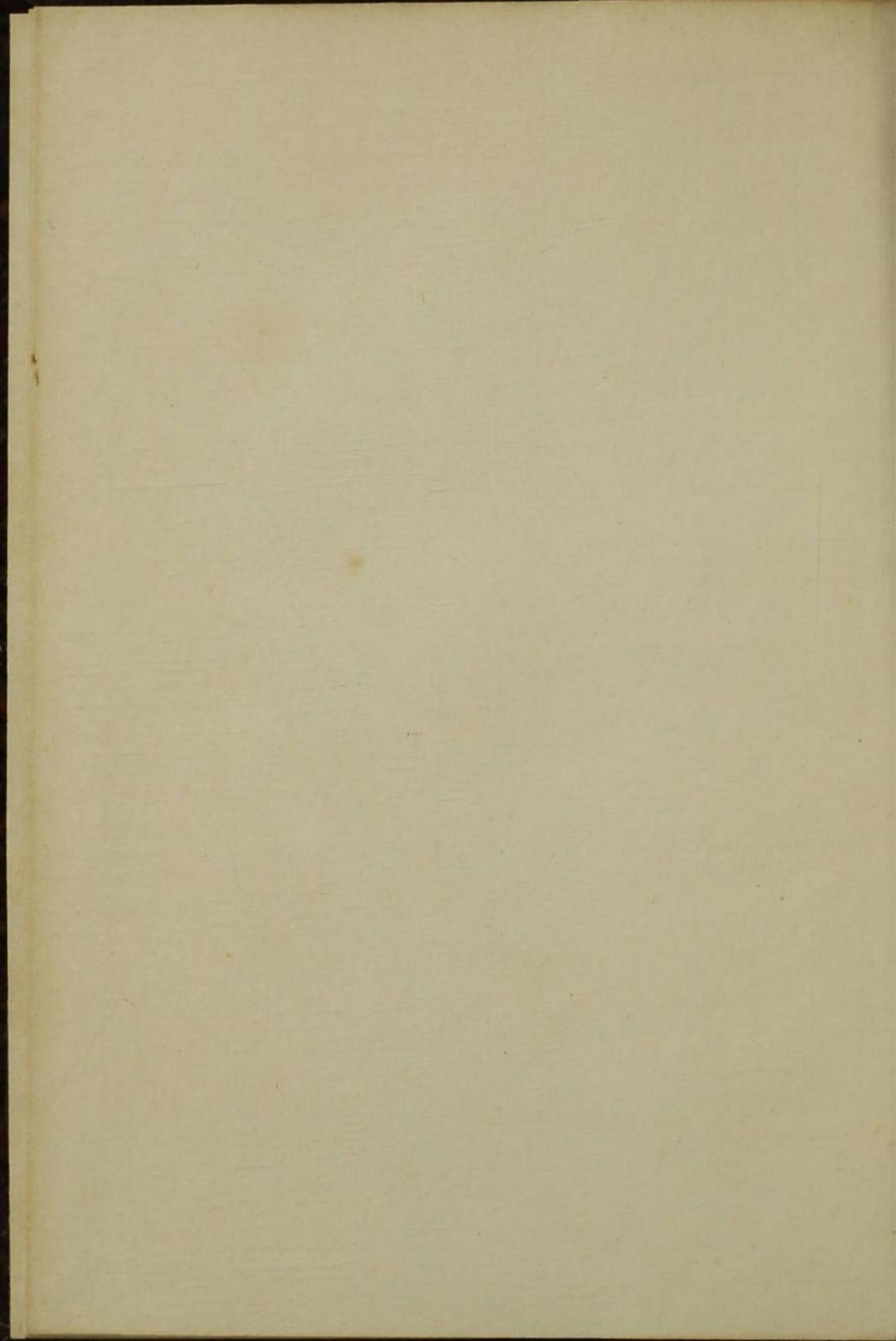
AKSC

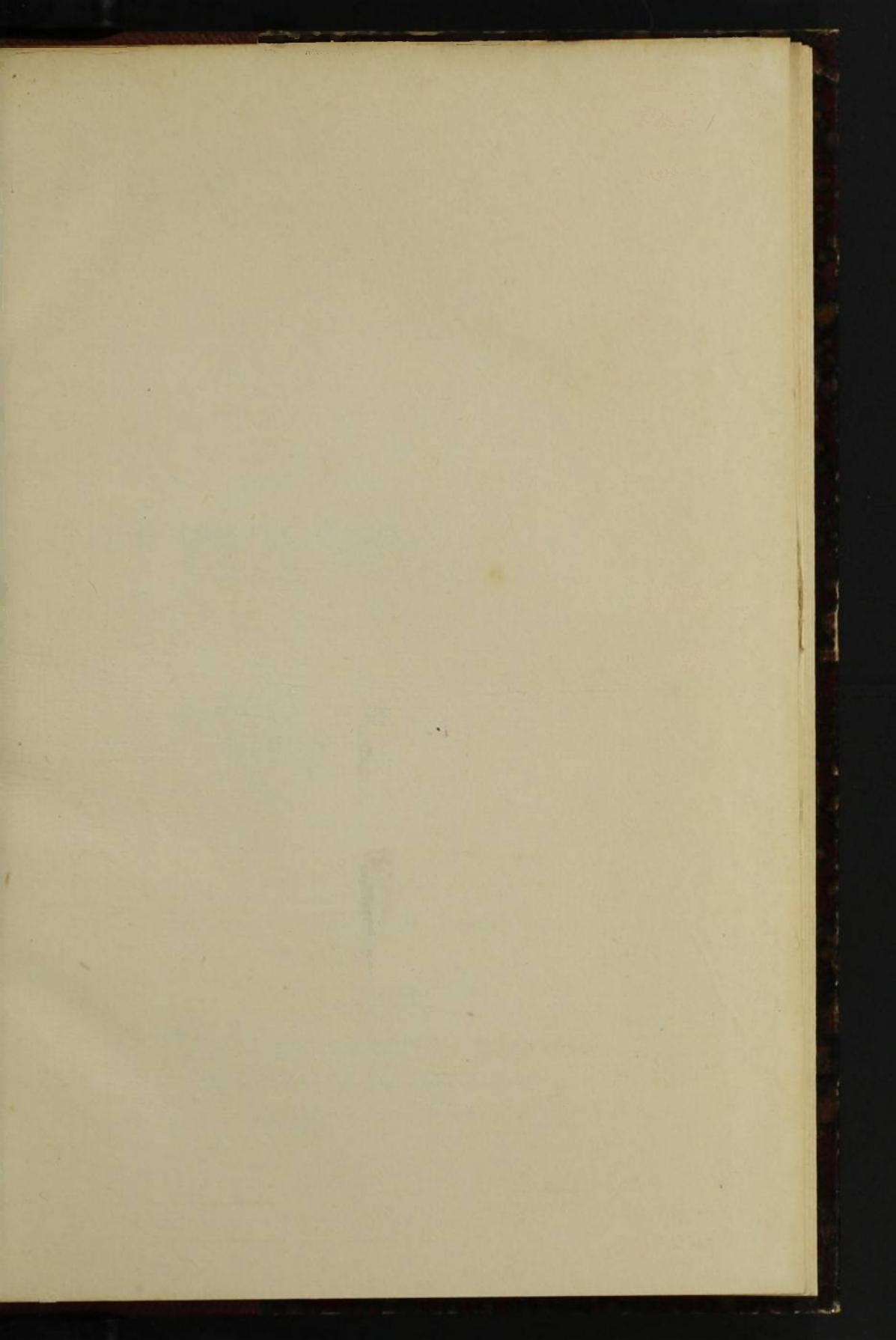
w.

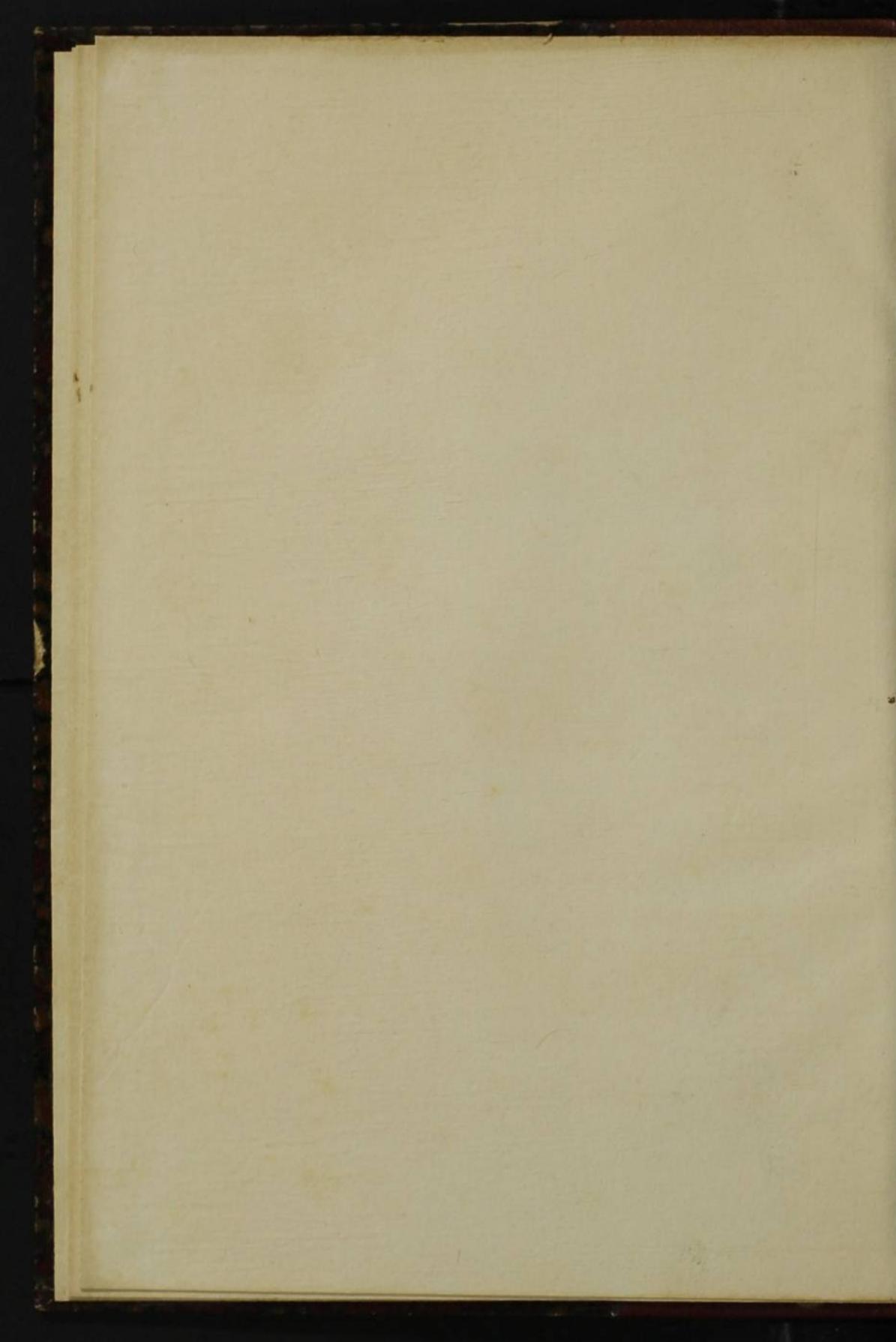




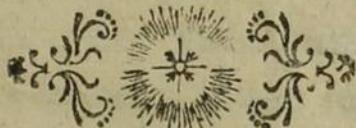








A N A L I A
D E
J O Z I N O ,
P O R
JOSÉ ELOI OTTONI.



L I S B O A

ANNO M. DCCCII.

Na Offic. Patr. de Joaquim Procopio Correa da Silva.

Com licença da Meira do Desembargo do Paço.

Vende-se na loja da Gazeta.

J. E. O.

А Г Л А И А
з а
С О И Т К О Г
к о з
Л О Б Е Р Е О Т О Н И

Л И С Т О В

Л И С Т О В

Л И С Т О В

Л И С Т О В

A N A L I A.

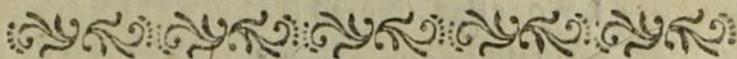
Não tenho mais , que te offereça : os
pobres Versos , que ao som de tosca Ly-
ra de novo eu te consagro , apenas pô-
dem convencer-te , que são filhos da mi-
nha alma. O teu coraçāo he cheio de can-
dura ; as minhas expressões se affastaõ
d'arte. Logo eu que mais devéra offere-
cer-te ? Tu , que mais quizeras acceitar-
me ? Seria pouco , o que te offereço , se
te offerecesse menos , do que posso. Ac-
ceita pois meus bons desejos ; e vive ,
para quem te ama. Não duvides , que
das tuas virtudes seja sempre fiel , e res-
peitoso Amador o teu

J O Z I N O.

AZIAMA

... Grideran perme le piaggie, e i monti,
E questa selva, acui
Si spesso il tuo bel nome
Di risonare insegnò.

Del Cavalier Guarini.



L Y R A I.

JOZINO, a Pastora,
Que adoras, he bella?
Naõ he tão formosa
De Venus a Estrella.

Os olhos dispensem
Viveza, e calor?
Saõ mais poderosos
Que as fétas de Amor.

Pois ferem, pois mataõ?
Dizei-me, o que sentes?
Naõ mataõ, naõ ferem;
Mas saõ eloquentes.

Os olhos qu'exprimem?
Que pôdem fazer?
A huns fazem mágoa,
E a outros prazer.

Lo-

Logo elles figuraõ
Dois raios , que ferem ?
Figuraõ brillantes ,
Que fallaõ , se querem.

Dizei-me , das faces
A cõr he mimosa ?
He hum mixto de neve
Com folhas de rosa.

Talvez de artificio
Proceda a mixtura.
Pastora innocentia
Naõ ama a pintura.

Se as faces desmaiaõ ,
Depois naõ melhoraõ ?
Desmaiaõ de susto ,
De pejo se cõraõ.

A cõr de seus lábios
Mudança naõ sente ?
Naõ mudaõ de cõr
Rubins do Oriente.

A bocca tem todos
Os dotes preciosos ?
A bocca he hum thesoiro
De graças , e risos.

E os dentes parecem
De jaspe , ou marfim ?
Excédem n'alvura
Da Italia o jasmim.

O Cen
Figura-lhe o collo ,
E o seio descreve .
He hum golfo de Amores ,
Duas ilhas de neve .

Naufraga
Os braços que saõ ?
Responde , Pastor .
Porções de alabastro ,
Cadéas de Amor .

Que os teus altares
O gésto , a figura ,
E o talhe he garbosos ?
Tem mais gentileza
Que o cédro frondoso .

Se o todo he perfeito,
Em que base se move?
He sobre dois pontos:
E a obra he de Jove.

Que seja o retrato
Fiel, eu naõ creio.
A origem naõ mente,
Do Ceo he que veio.

Se o nome lhe occultas,
Eu mais naõ profigo.
Prosegue; o seu nome.
Perdõa, naõ digo.

Ao menos impresso
Naõ tens no cajado?
He sobre o meu peito
Que o tenho gravado.

O Numen, que adoras,
Te abraza, e consome.
Que he Numen, tu sabes?
Analia He o seu nome.

LYRA II.

EU te adoro, meu Bem; aos teus altares
 Humilde eu mando Arábico perfume,
 Que em solta nuvem de enrolados globos
 Ao throno chegue de propicio Nume.

Mas oh! presagio triste!

O Ceo negro troveja.

Rôxo corisco fende o ar nublado;
 E ó corvo graxa do sinistro lado.

Acode, ó bella; se o teu astro brilha,
 Se os nautas clamaõ = Deosa, naõ t'escondas =
 Naufrago lenho sobre estranho pégo
 Vence atrevido as empolladas ondas.

A quem t'implora, acodes;

Eu, que assíduo t'imploro:

Que os teus altares reverente bêjo,
 Serei... oh dor! a fábula do Téjo?

Denso vapor eléctrico discorre
 Ingrata via sobre os torvos áres ;
 Mandá , que o meu batel naufrague ,
 A mao , qu'enfréa , e que serena os mares .
 De mal accesso culta
 A refugante chama
 Suffocada dos ais , que Amor desconta ,
 Não se apaga , não morre , ao Ceu remonta .

Que eu toque a meta do desprezo altivo ,
 Que eu banhe as faces de amargo pranto ,
 Tu podes conseguir ; porém não podes
 Prohibir-me de amar ; não podes tanto .
 De orgulhosa vingança
 O pezo não me opprime :
 Se me desprezas , digão , se te adoro ,
 Os ais , que arranco , as lágrimas , que choro .

Este frágil batel , que ás ermas praias
 Do fulvo Téjo a tempestade lança ,
 O meu naufrágio ao pescador aponte ,
 Depois de calmo o vento , o mar bonança .

De lívido despojo
 Os caracteres lêa ;
 Mostrem-lhe o calo d'inexperto Amante
 A rôta quilha , o remo flutuante .

O écco , que o teu nome repetia ,
 Quando o teu nome ao écco eu ensinava .
 Ferindo agora lúgubres accentos
 Repete o mesmo , que elle entaõ cantava .

E quando entre suspiros
 O queixoso Amador
 = Analia ... Analia ... = diz , vem a meus braços .
 Retumba = Analia = sobre os vitreos paços .

As Tágides de pejo confundidas ,
 De susto o pescador arrebatado
 Ouvindo = Analia = ficará suspenso ,
 Qual inuda rocha de outra rocha ao lado .

E mal a negra noite
 Estenda o manto escuro ,
 Viráo piar ao sítio sobranceiras
 Nocturnas aves , aves agoureiraas .

Tempo virá , que sendo procurado
 Sobre esta praia algum vestigio humano ,
 O naufragio de Aínor dé nome á praia ,
 Fique a praia do tardo desengano :

E os ultimos fragmentos ,
 Que a póstuma lembrança
 A maõ fraterna da piedade ajunta ,
 Iráo jazer no templo de Amathunta .

(13)

Perdôa , Ente de Amor ; se a formosura
Ingrata sempre ao coraçao responde ,
Ou não existe o creador influxo ,
Ou , se o creaste , dize-nos , aonde ?

No peito de huma Ingrata

Já mais existe amor.

Vindoiros , aprendei , que eu vos ensino ,
Qual foi a sorte do infeliz Jozino.

L Y R A III.

T Olado de luto os ares
Soltos negrumes , que o vapor condensa :
Da abóbeda celeste
Treme convulsa a regiaõ immensa ;
E do electrico fogo a ardente chama
Despede os raios , e o pavor derrama .

Nos

Nos tímidos semblantes
 Previnidos do efeito , a cõr desbota :
 Espanta-se o Guerreiro ;
 O Nauta perde o fio da derrota.
 As ondas batem sobre a curva praia :
 Colhendo a rede o pescador desmaia.

Do nóto sibilante
 A raiva estragadora os montes move :
 Parece , que rebenta
 Em soltos furacões a maó de Jove.
 Roucos trovões relâmpagos exhalaõ ,
 A terra treme , as arvores estalaõ.

O próvido colono ,
 Erguendo as mãos ao Ceo , confuso brada.
 Ao mal-sseguro ninho
 Corre em cardume a alígera manada.
 Escura sombra vem cobrindo a terra ;
 A ovelha nos curraes de susto berra.

Retumba hum ai ao longe ,

E logo prompta a humanidade acóde :

Fugir ás leis do pranto

Naó pôde o pai , a afflita mäi naó pôde .

Em vaó procura a virgem delirante

Lançar os braços ao perdido amante .

O manto cõr de ferro ,

Que a negra noite desdobrado kavia ,

Imagen carrancuda

Do cáhos tenebroso parecia :

Porém quando a materia se inflaminava ,

O relâmpago ao longe allumiava .

Era hum pastor , qu'innovel

Bradava contra o Ceo sobre hum rochedo :

Ninguem ousa acodir-lhe .

Oh ! quanto pôde a sugiestaõ do medo !

Ceo ! (Que delirio !) ou torna-me insensato ,

Ou naó dês a belleza hum peito ingrato .

E tu , cerúleo Jove ,
Leva-me a vêr as húmidas campanhas ;
O abutre da saudade
Rasgue-me o peito , rida-me as entranhas .
Por mais e mais que se duplique a pena ,
Eu beijo ousado a maõ , que me condenna .

Impio furor me illude ;
Cégo prestigio amante me arrebata !
Se a ingratidão he culpa ,
Vingai-me , Ceos , vingai-me de huma Ingrata ;
Antes que a horrivel furia de hum transporte
Me condenne a luctar no horror da mórtē.

Mas ah ! cruel , escuta .
He nobre o ente , que respira , e ama ;
O amor nutre a virtude ;
A virtude produz de amor a chamma ;
Dando-se as mãos , unidos se prenderão ,
A virtude , e o amor do Ceo desceraõ .

Tu dos entes creados
 Ente mais nobre, chéfe da belleza ;
 Se acaso tu naõ fentes
 As leis do amor, as leis da natureza ;
 O teu fantasma, dize-me, responde,
 O teu fantasma donde existe, aonde ?

Imaginária prole
 De hum ente falso, em que a illusão consiste ;
 Se pensas, que a nobreza
 No altivo orgulho do teu nada existe ;
 Vê, que só na virtude se descobre
 O intrínseco valor de huma alma nobre.

Longe, profano vulgo
 Naõ contamine o halito profano
 O espaço, que a virtude
 Consagra aos dias de hum heróe humano.
 Fique o meu nome embora sepultado ;
 Eu parto ao Lethes da virtude ao lado.

E tu , rocha & o immovel ,
 De huma Ingrate insensivel companheiro ,
 Aos ultimos vindouros ,
 Do templo illeso guarde este letreiro ...
 Gravando-o , morre . O écco enternecido
 O letreiro beijou , dando hum gemido .

Ao tragicó successo
 Revolta a natureza estremecia ;
 O mar encapelado
 Ao claraõ dos relampagos rugia.
 Beim que de longe , os que presentes foraõ ,
 O caso insando repetindo , choraõ .

= Aprende , ó louco amante ,
 Do heróe , que morre , os ultimos deveres . =
 Diziaõ sobre a rocha
 Salpicados de sangue os carácteres .
 = Analia ... Analia ... ao teu heróe soccorre .
 Mas naõ , cruel , o teu heróe naõ morre . =

LYRA IV.

Por mais que á Lyra me ajuste,
Por mais que as cordas affine,
A voz da Lyra enrouquece,
O som das cordas não tine,

Immortal filha de Jove,
Para que me déste a Lyra?
Se o teu Vate as cordas fere,
Em vez de cantar suspira.

Apenas o canto ajusta
Unido ao som do instrumento,
Treme a voz, e a maõ cançada
Manda o som disperso ao vento.

Se á força dos áis, que arranco,
Solto hum ai do peito sôra,
O écco não me responde,
E quando responde, chora.

Queres , que a mente inspirada
 Se occupe de amantes queixas ?
 E o canto alegre dos hymnos
 Se torne em tristes endeixas ?

Eis que abrindo o seio á nuvem
 Rasga celeste claraõ ;
 Sobre ardente espaço corre
 Luminosa exhalação.

Os meus ultimos accentos
 Se interrompem de hum desmaio
 Mais veloz , que a chamma ardente ,
 Inda mais veloz , que o raio.

Baixa entaõ do Olympo a Musa ,
 Desperta , me diz , mortal ,
 Vê , que a força te protege
 De maõ sobre-natural.

Naõ desmaies , eu t'inspíro ;
 Se te fraquça o valor ,
 Aqui tens na taça o neclar
 Contra-veneno do amor.

Disse ; mal empunho a taça , ando es obnevoi
 Naõ gyra o sangue nas vêas
 Tão violento , como gyraõ
 Em borbotão as idéas.

O mágõ encanto , a Peldade ,
 Que os meus suspiros accende ,
 Profane agora os decretos ,
 Que a maõ de Jove despende.

Amor as trégoas ordena ;
 E do despojo , que ajunta ,
 Vai erguer trofeos no templo
 De Páfos e de Amathunta.

Hum genio os passos me guia
 Sobre campos matizados
 De frescos lyrios , que a alonge
 Parecem grupplos nevados.

Sob hum dozel de verdura
 Tecido por maõ campâtre
 Matrona de aspecto grave
 Tinha a maõ no livro-mestre.

Volvendo as folhas mostrava
 Característico emblema ,
 Que representa em figura
 Das estações o sistema.

Em grande circulo estavaõ
 No planisferio indicados
 Aquelleas dias , que forao
 Por maõ de Jove marcados.

Solar agulha , que as horas
 Reparte ao dia , apontava
 O mais solemne dos dias ,
 Que o frio Inverno guardava.

Do livro annoso pendia ,
 Voltando a hum e outro lado
 A vista alegre e risonha
 De hum velho grave , e rosado.

Até que em fim desatando
 A voz o Numen Celeste ,
 De nova murta auri-verde
 Toda a campina se veste.

(23)

Correi os Reinos , que fórmão

Do meu poder a grandeza ;

Correi (dizia a Matrona)

Os Reinos da Natureza.

He curto o espaço , que tem

De meus dominios o nome ,

Para gozar hum prazer ,

Que o tempo audaz naõ consome.

Hoje as virtudes remóçaõ ,

Remóçaõ hoje os humanos ,

A Natureza remóça ,

Porque hoje Analia faz annos. =

De aroma os ares se toldaõ ,

Retumbaõ hymnos suaves :

E a ouvir-lhe o nome , estremecem

De gosto os peixes , e as aves.

As feras tornaõ-se humanas ;

Como em penhor do que ouviraõ ,

Os entes mudos se movem ,

Os insensiveis respiraõ.

To:

Todo em prazer embebido
 Eu sinto impulso mais forte,
 Que vem quebrar as prizões
 Do meu sublime transporte.

Formosa Analia , os teus olhos
 Movem toda a Natureza :
 Tu és o encanto de Amor ,
 Tu és de Amor a nobreza.

Mais dignos Vates te cantem ;
 A minha voz he pequena ;
 E a Musa , que m'inspirava ,
 Que cesse o canto me ordena.

De verde loiro naõ quero
 Por premio a fronte adornada :
 Mór prémio , Analia , feria
 Beijar-te a maõ delicada.

LYRA V.

ANalia, tu és formosa;
 Tu és o mimo das Graças;
 Tu encantas os Amores,
 Quando os prazeres enlaças.

Nutres no peito a Virtude;
 Animaõ teu coraço
 Os sentimentos mais puros
 Da mais ingénua affeição.

Quando praticas humana
 Qualquer acção de ternura,
 Elevas os dotes d'alma
 Sobre os dons da formosura.

O torvo monstro da inveja
 Sobre a maõ a face inclina;
 A seu máo grado conhece,
 Que tens hum ar de divina;

Mas porque o peito orgulhososo
 Lhe róe abutre esfaimado,
 Vomita negro veneno
 Da vil calúmnia gerado.

To-

Toma de Nynfa o recato,
 Finge amorosa ternura,
 E vai depor no teu peito
 De atroz veneno a amargura.

Que horror, que estrago, e ruina,
 Que mágoa, dor, e afflicção
 Produz n'hum peito sincero
 De astuto engano a traição!

Amorinhos de Cithera,
 Bafejai de Analia o peito:
 Do Averno as fúrias combatem
 Da pudicícia o respeito.

A virulenta calúmnia,
 Opposta aos laços de amor,
 Rompe o véo, que o quadro esconde
 D'ingrato, infido Amador.

Circúla as túrgidas vêas
 Do virus negra infecção:
 Vaccilla a Deosa, e succumbe
 Da negra inveja á traição.

De Analia o ânimo inquieto

Naõ pôdem bem imitar
Nevados grupplos d'espuma ,
Quando em flor rebenta o mar.

Ah ! naõ suspires , ó bella ;

Tu és formosa ; naõ temas ,
Que se desfundaõ os laços ,
Ou se quebreim as algemas.

Saõ mais pezados os ferros ,

Que arrasta , e beja por gosto ,
Quem contempla huma só graça
Das graças , que tem teu rosto.

Se prevenida recéas ,

Qu'em vaõ te occupe a lembrança
De mal logrados amores ,
Ou d'illudida esperança.

Vai ver os votos , qu'eu fiz ,

De ser constante Amador ,
Vai ver o meu juramento
Sobre os altares de Amor.

SONETO.

A Muçosa cabeça sacodindo
 De verdes espadanas coroada ,
 Ergue os hombros de humida morada
 O pátrio Téjo , de prazer surrindo :

A félpa esmeraldina descobrindo
 Sobre a margem de relva alcatifada ,
 Com sceptro d'ouro aponta a verde estrada ,
 Que os cerúleos Tritões vaõ dividindo.

Salve , dia feliz ; (eis que atroando
 O rouco som no crystallino seio ,
 Responde o écco ao Padre venerando

= Salve ...) = dia feliz , dia , em que veio
 Ao mundo Analia , na belleza dando
 O prazer aos mortaes , a amor o enleio.

S O N E T O.

Formosa Analia, se profano eu bejo
 Os altares de estranha Divindade,
 Não he o incauto ardor da Mocidade.
 Queim me conduz a sensual cortejo;

Sublime fogo d'immortal desejo
 Me accende, e aviva as chamas da amizade;
 E quando a gratidão prende a vontade,
 Da virtude he que nasce a côr do pejo.

Tal de Licóri pelos faustos annos,
 Tal he, meu Bem, aquelle nobre effeito,
 Que nutre gratos corações humanos.

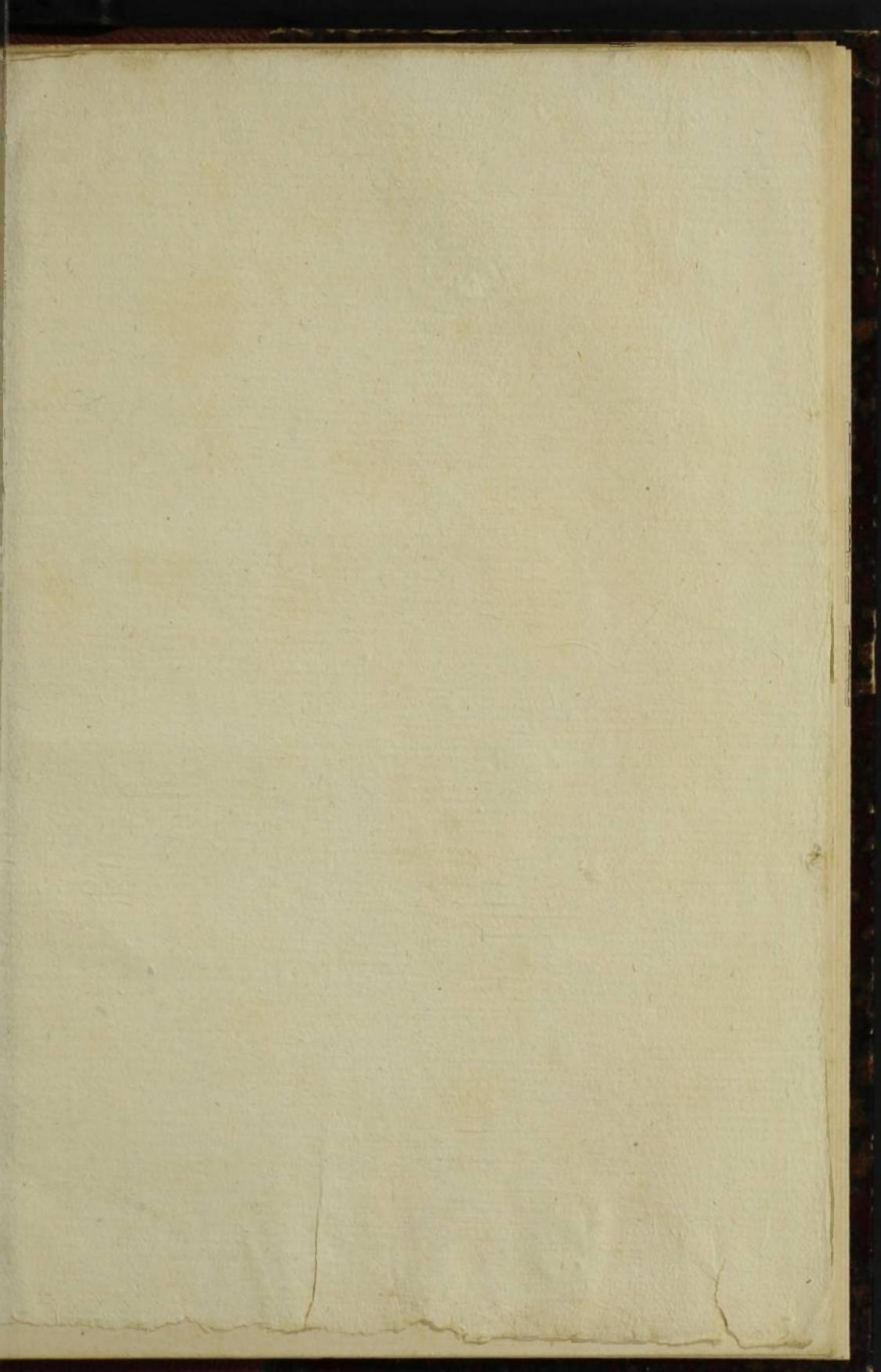
Naõ he de amor sacrílego respeito
 Que me obriga a render cultos profanos;
 Pura chamma do Ceo me abraça o peito.

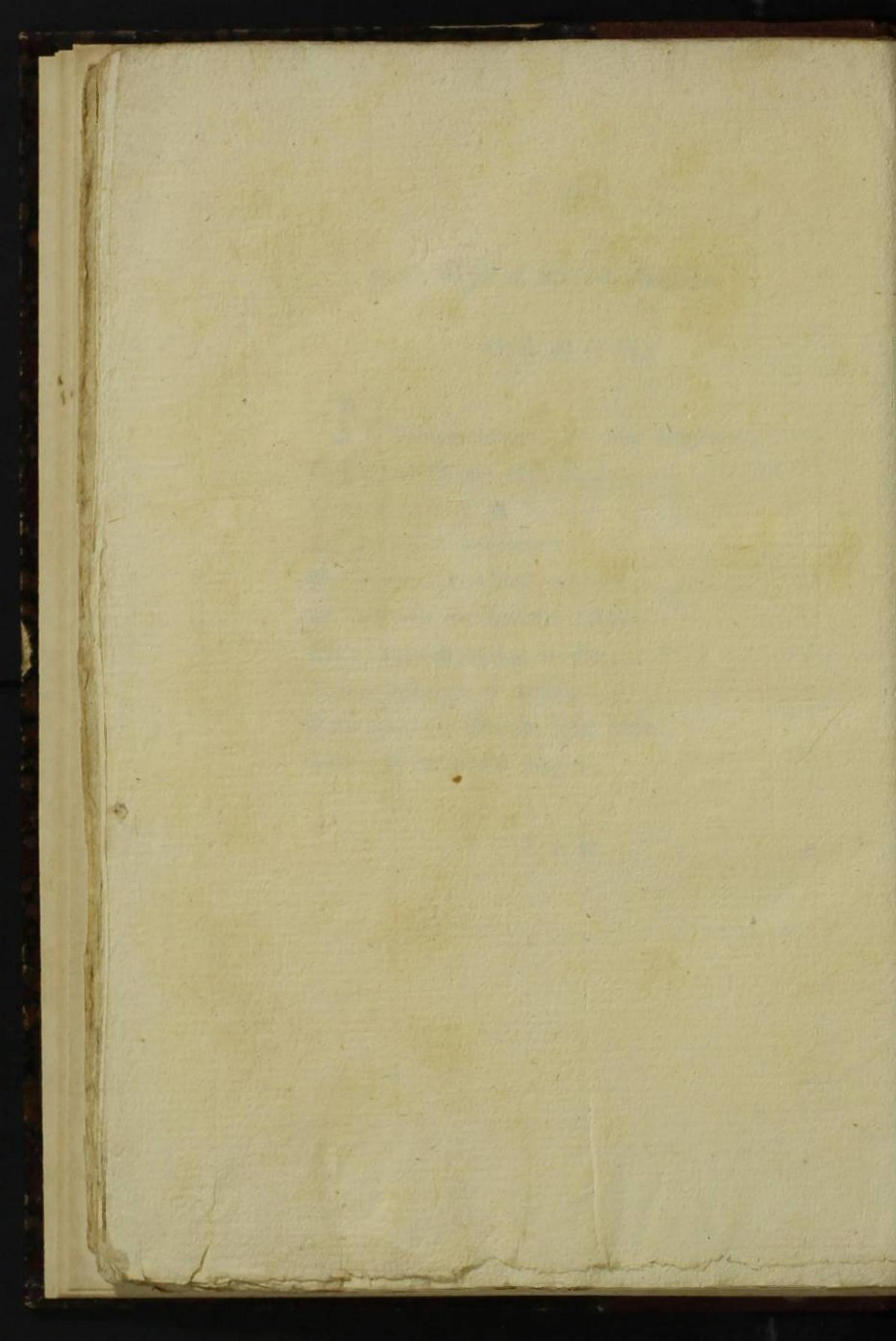
Não vejo a minha alegria.

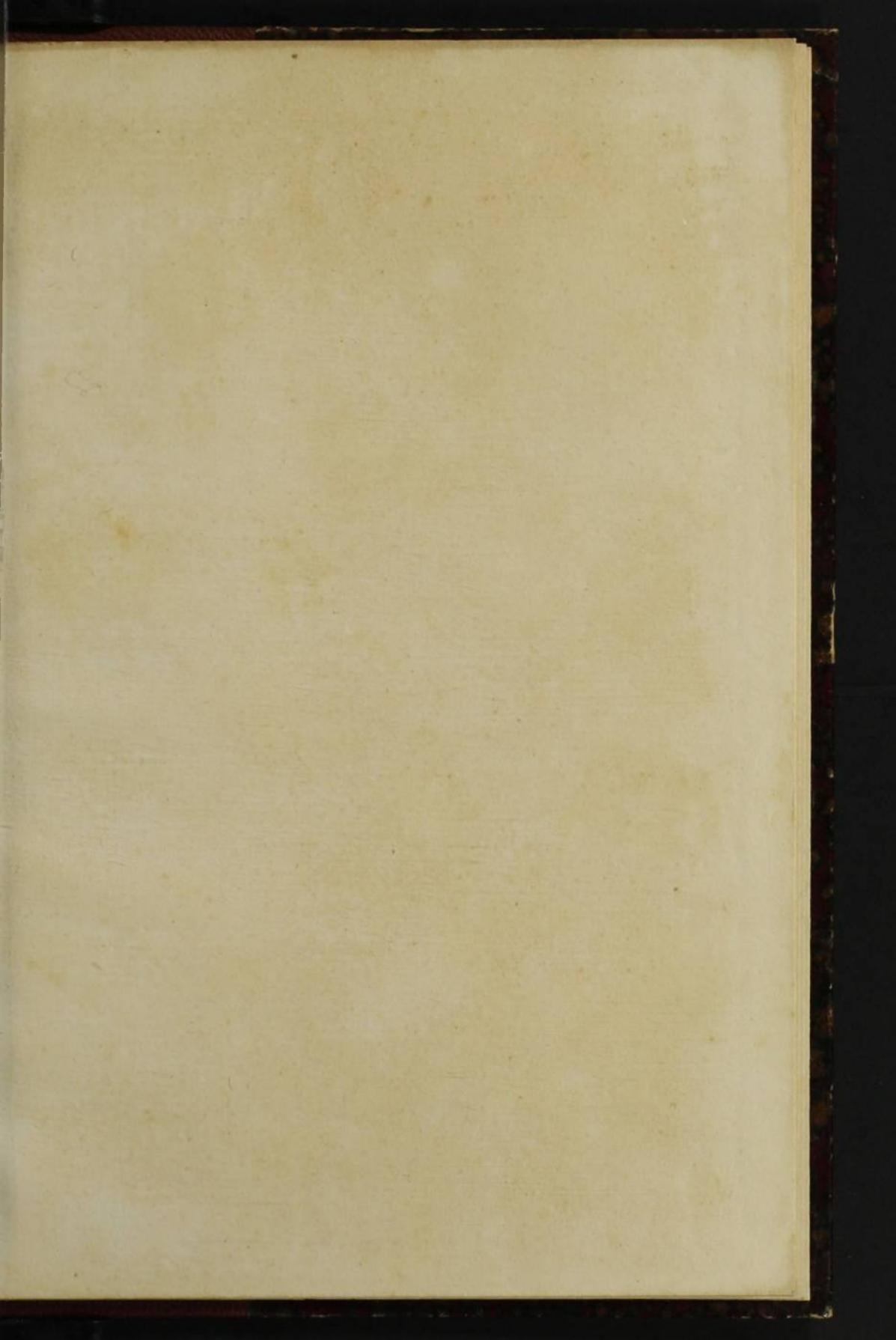
G L O Z A.

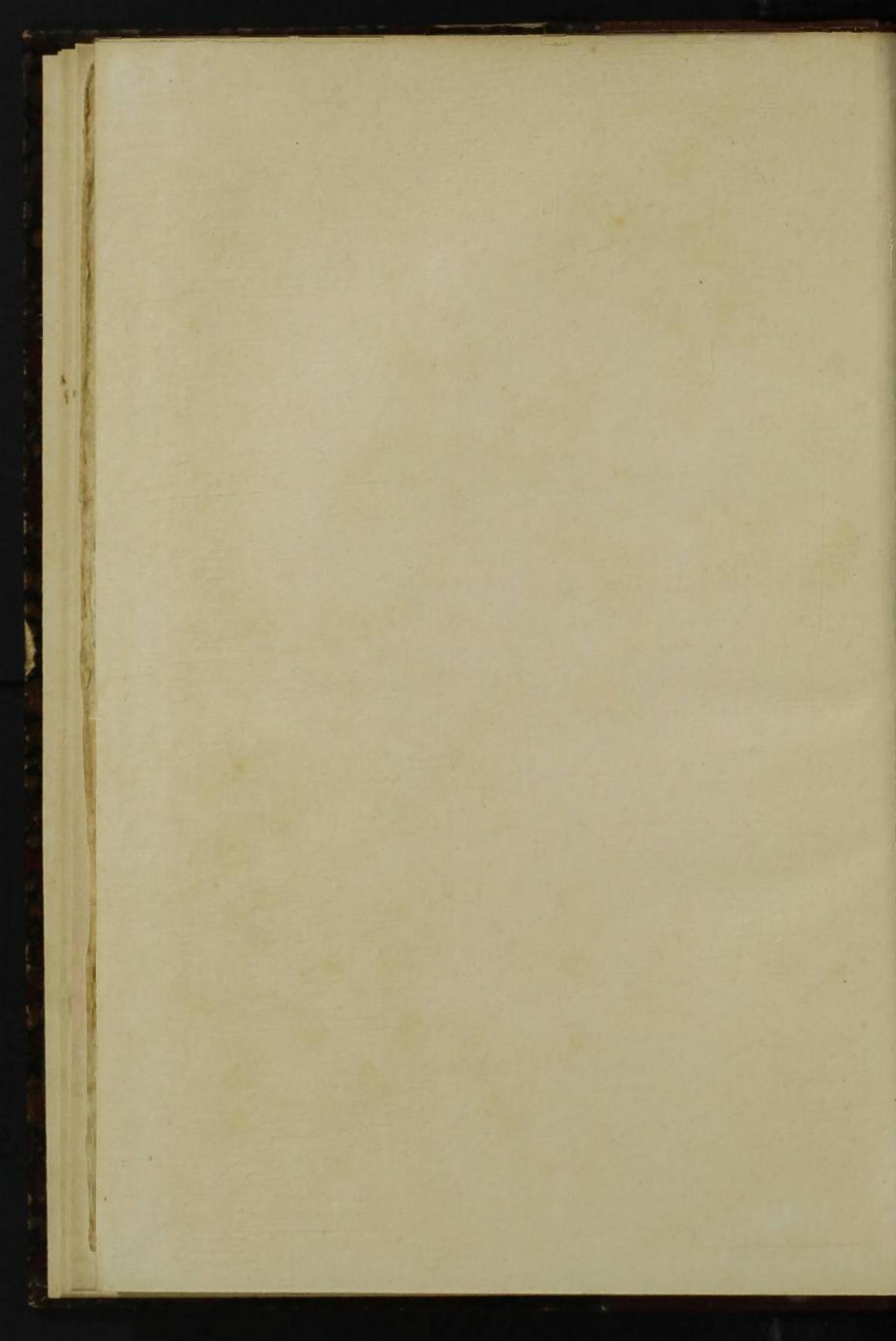
N'Outro tempo eu me alegrava ,
 Colhendo loiras espigas ,
 Quando Céres as fadigas
 Do lavrador premeava :
 Eu mesmo as vides podava ,
 O enxerto eu mesmo fazia :
 Hoje apenas nasce o dia ,
 Nasce comigo o desejo :
 Pois quando Analia não vejo ,
Não vejo a minha alegria.

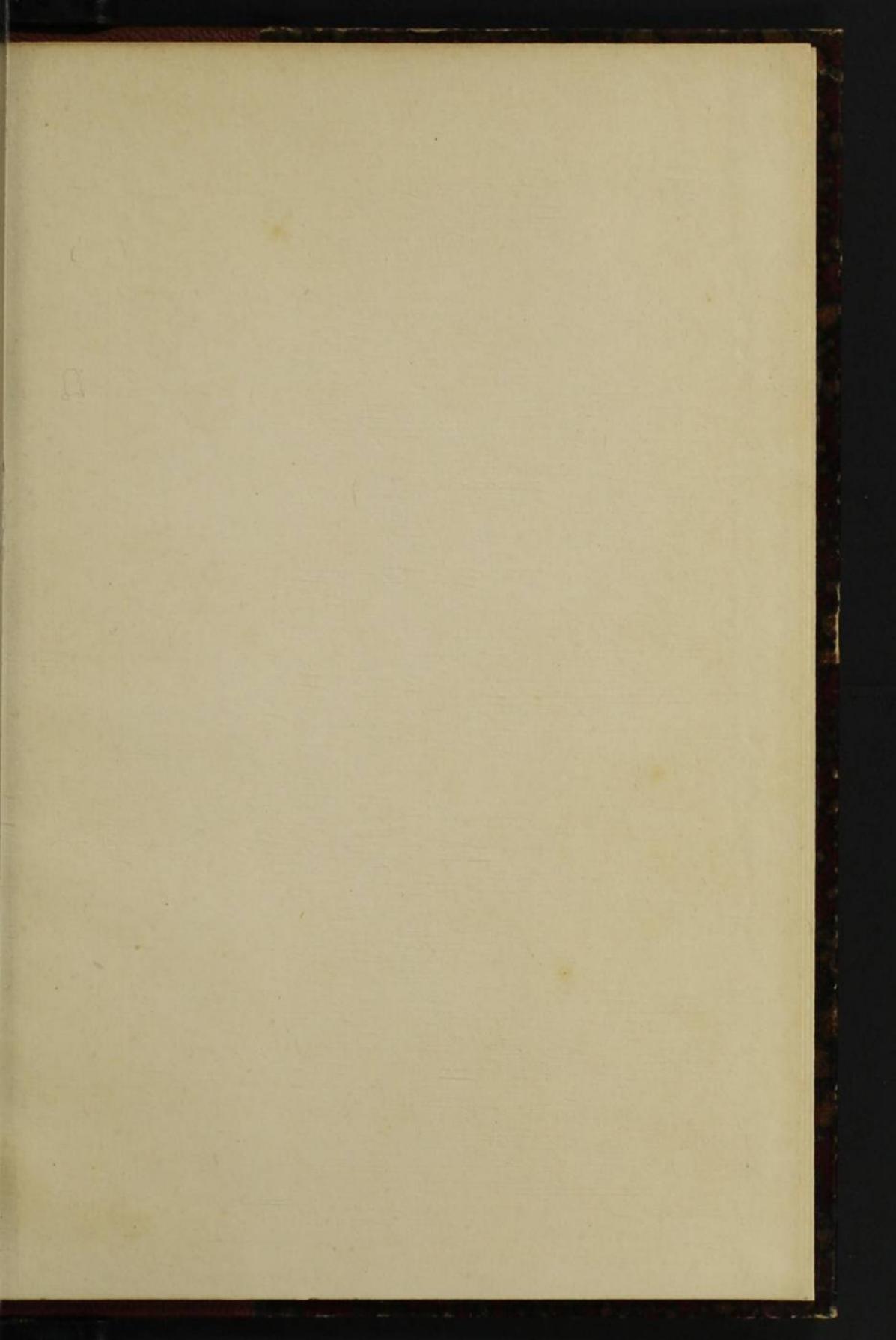
F I M.

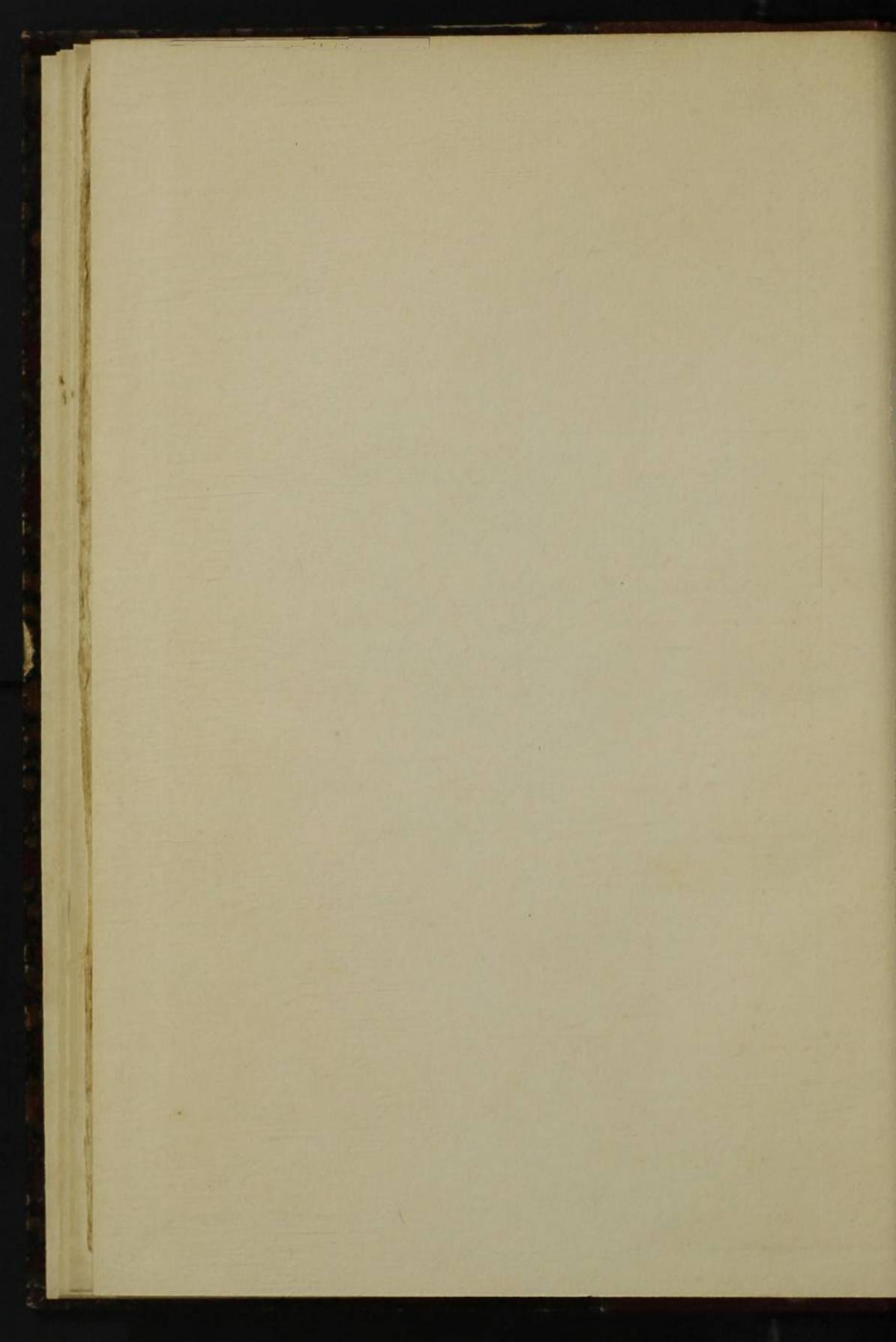


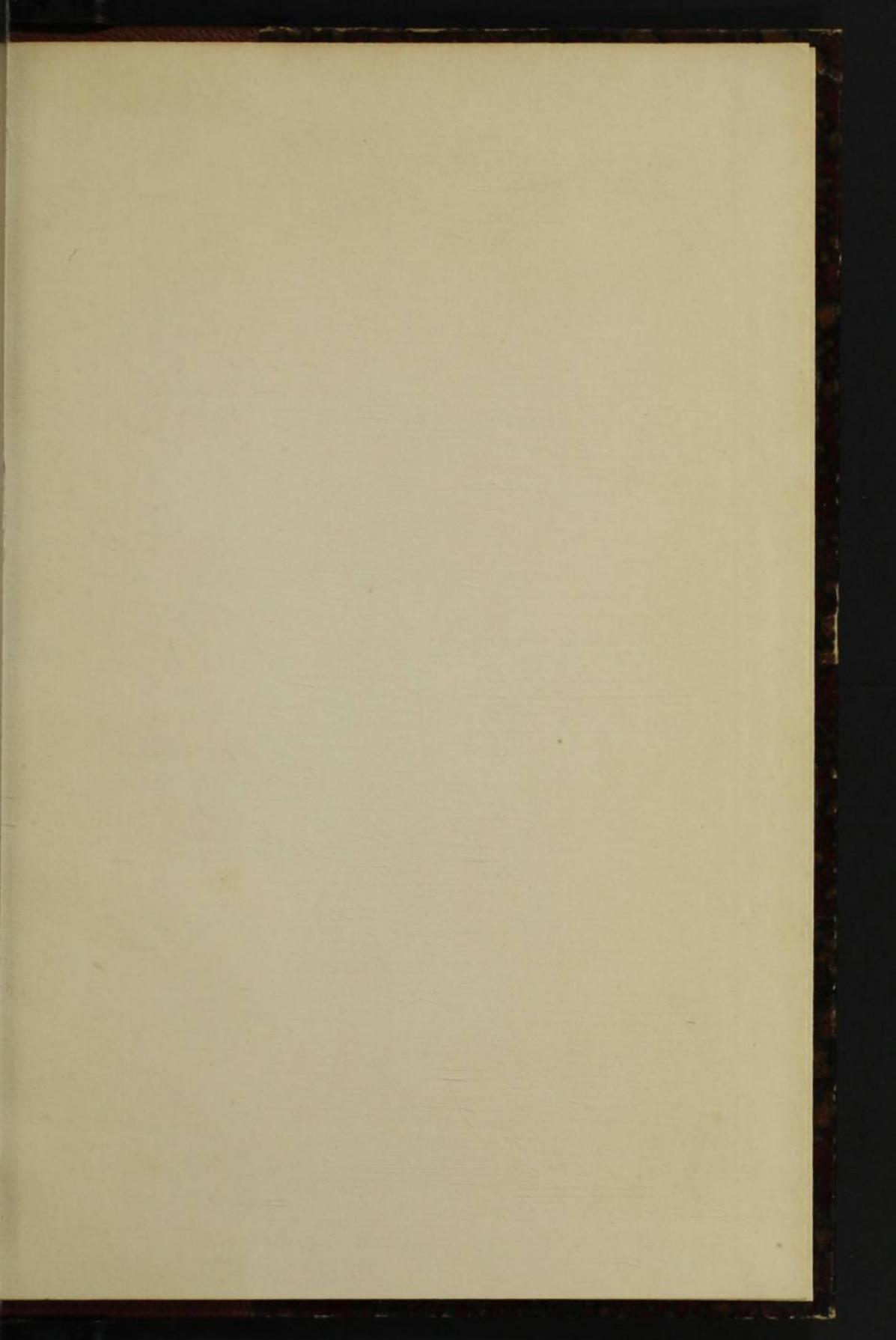












000527

